

mais simples da vida corrente, ou surgidos no início de estudos posteriores, ou suscitados pela inserção numa actividade de natureza profissional”.

Todos nós temos consciência que a situação, a este respeito, não mudou muito. Como já aqui escrevi, hoje temos *mais* escola mas falta-nos ainda *melhor* escola. Melhor ensino, melhores aprendizagens. Todos com certeza sentimos isto.

Vinte anos depois de Milfontes, terminado um processo de reajustamento do programa de Matemática que ainda vigora, estamos outra vez num ambiente de renovação curricular. Está homologado um novo programa de Matemática para o ensino básico cuja generalização, nos primeiros anos de cada ciclo, como se espera, começará já em 2009.

Como vai ser?

Vai ser, tem que ser, com o professor, com os bons professores que temos, sobretudo. Nenhum programa, por si só, melhora o ensino e melhora as aprendizagens. E não há programa algum que torne um mau professor num bom professor.

Mas é preciso mais tempo — já era preciso antes — mais tempo de aulas para os alunos, mais tempo, do professor, para as aulas. Tempo para se preparar, para analisar e discutir o seu trabalho, para prosseguir com seriedade e profundidade a sua formação científica, didáctica, educacional. Tempo para estudar, para ler, para se cultivar.

E é preciso mais formação de professores — já era preciso antes — no 1º ciclo, no 2º ciclo, no 3º ciclo. Formação *com* os programas, não *para* os programas, alargando e aperfeiçoando a que está em curso, para manter sustentada e continuamente um processo de acompanhamento que valorize a intervenção nas escolas e a acção do professor em

aula. E materiais de apoio ricos e diversificados, para o professor, para as aulas, para os alunos.

E, qualquer que seja a acção em plano, como também já escrevi, terá que ser uma acção da e na escola, do(s) e com o(s) professores, com “autonomia e responsabilidade”, “melhoria de condições e processos de ensino”, “reforço” e “apoio do trabalho colectivo” dos professores da Matemática.

Em tudo isto, retomando a epígrafe repescada de Milfontes, é indispensável a “colaboração de todos os sectores intervenientes” e envolver no processo todos os interessados. Crítica e empenhadamente. A APM, como a associação dos professores de Matemática, terá aqui que estar sempre na primeira linha.

Se assim for, acredito, o ensino vai melhorar, as aprendizagens vão melhorar. Mas, como tão bem sabemos, não vai ser em três anos.

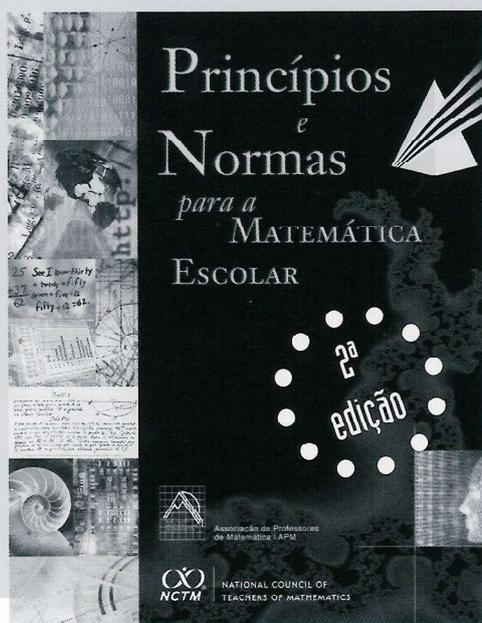
Notas

- 1 Em “Os grandes objectivos e orientações fundamentais para o ensino da Matemática”, texto preliminar discutido no primeiro dia do seminário de Milfontes (texto policopiado s/d, p. 11–12)
- 2 É por isso que nunca me souu muito bem ouvir dizer a responsáveis da administração, por vezes em tom quase de reprimenda, que, em Portugal, estamos a gastar mais em Educação do que se gasta na Europa (independentemente de se poder ‘gastar melhor’). Pois, e desde há quanto tempo? Se queremos melhorar, assim terá que ser, e certamente durante mais tempo ainda.

Henrique Manuel Guimarães

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Publicações APM



Princípios e Normas para a Matemática Escolar [2ª edição]

Edição APM, 2008

Sócio 18,00€ | PVP 27,00€

Na continuidade das orientações e propostas curriculares para o ensino da Matemática que tem vindo a elaborar nas décadas recentes, o National Council of Teachers of Mathematics (NCTM) publicam os *Principles and Standards for School Mathematics*, agora editados pela APM. Os Princípios descrevem características de uma educação matemática de elevada qualidade; as Normas descrevem os conteúdos e processos matemáticos que os alunos deverão aprender. Em conjunto, os Princípios e Normas constituem uma perspectiva orientadora dos educadores que lutam pelo contínuo desenvolvimento da educação matemática nas salas de aula, escolas e sistemas educativos.